

A LITERATURA E AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS E NA VIDA COMO DIREITO

Bianca de Macedo Abreu ¹
Helena Amaral da Fontoura ²

RESUMO

Este artigo trata da inclusão pelas práticas educacionais com a leitura e literatura, como um direito do ser humano, defendido por Candido, pelo seu caráter de humanização que contribui para formação integral do indivíduo por meio do poder da fruição da arte e da palavra. A tecnologia, difundida pelo mundo globalizado se insere como recurso de múltiplas linguagens no processo ensino aprendizagem como um caminho para leitores. Discorremos sobre os temas pelas narrativas de professoras, à luz de Josso, em diálogo com a tematização de Fontoura para a análise dos dados. Os nossos objetivos são refletir sobre o fazer pedagógico com a leitura, literatura e os recursos tecnológicos, a partir das narrativas de docentes, e compreender a importância da literatura na educação e na vida para o processo formativo de indivíduos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Para este percurso primamos pela dialogicidade e escuta que Freire aponta com uma das questões que o ensino exige.

Palavras-chave: Leitura, Literatura, Múltiplas Linguagens, Práticas Educacionais.

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o trabalho educacional com as múltiplas linguagens no sentido de construção do processo formativo do indivíduo em diferentes áreas a partir do contato com o outro, que nos fala a respeito de nós e do meio. E um dos objetivos nesta perspectiva é compreender a importância da literatura no processo ensino aprendizagem e na vida para formação de pessoas críticas e conscientes de seu papel na sociedade.

Candido (2017) coloca a literatura como um direito inalienável do ser humano, fazendo uma alusão, ou quem sabe uma inclusão, aos direitos humanos que resguardam a vida e a condição humana, que reconhecem e protegem a dignidade de todos. Portanto, a literatura assume este patamar de direito, de reconhecimento, de necessária para a vida,

¹ Mestranda Programa de Pós Graduação em Educação – processos formativos e desigualdades sociais - Universidade do Estado Rio de Janeiro - RJ, biamacedoabreu24@gmail.com.

² Professora Titular Faculdade de Formação de Professores UERJ; Docente Programa de Pós Graduação em Educação – processos formativos e desigualdades sociais - Universidade do Estado Rio de Janeiro - RJ, helenafontoura@gmail.com.

como elemento que contribui para formação integral das pessoas, por meio da fruição e do poder da arte e da palavra.

Isto implica garantir uma ação educacional visibilizada em produções de conhecimentos em diferentes áreas e no desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, da sua capacidade de interpretar construções simbólicas, de modo que este se torne capaz de ler e pronunciar o mundo.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 2002, p.13)

A boniteza explícita causa uma espécie de encantamento, que acontece na escola ou externamente (em espaços não escolares), dentro ou fora da sala de aula, no processo mútuo de ensinar e aprender. As experiências em suas diversas vertentes proporcionam esta beleza. Ainda de acordo com Freire (2002), formamos sujeitos sociais, leitores da realidade em que se inserem e capazes de usar a leitura como um instrumento indispensável à sua participação na construção do mundo histórico e cultural.

No mundo globalizado da atualidade, a incorporação de elementos tecnológicos às abordagens educacionais e artísticas torna-se inevitável, assim como a utilização dos mesmos em algumas atividades com a leitura, literatura e outras modalidades de artes, pois ampliam a forma que enxergamos a comunicação, e também como docentes e discentes interagem com estas multimídias no processo educacional. Assim, objetivamos refletir sobre as práticas educacionais com a leitura, literatura e demais expressões artísticas, e os recursos tecnológicos, a partir das narrativas de docentes.

O tratamento destes discursos origina um próximo objetivo que é analisar os dados do corpus de parte das narrativas imbricadas pela promoção da leitura pelas múltiplas linguagens e pela realidade no cotidiano escolar. A metodologia proposta acontece pela narrativa à luz de Josso (2010) em diálogo teórico metodológico com a tematização de Fontoura (2011), a partir das falas e vivências que foram refletidas, podendo se tornar experiência formadora na profissão docente.

Os referencias teóricos e metodológicos são provenientes da dissertação em andamento intitulada “Leitura Literária na Prática Docente Cotidiana com Alunos de 6º ao 9º: Desafios encontrados para a Formação de Leitores”, orientada pela Professora Doutora Helena Amaral da Fontoura. Esta pesquisa, em parte abordada neste trabalho, tem a centralidade na importância das práticas educacionais com a leitura, literatura e

outras expressões artísticas, e elementos tecnológicos na contemporaneidade. Estas propiciam comunicações, as interações, conhecimentos, e reflexões críticas sobre o saber e o poder que as palavras e as imagens têm para a luta de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual existem as normas que reconhecem e protegem a dignidade de todos os seres humanos por meio de seus direitos.

O respeito à leitura, à compreensão do outro, à subjetividade é um dos papéis da leitura no cotidiano e na vida, ressaltando sua função social e política de natureza artística, ética e estética. É válido salientar que se faz necessário que os envolvidos no processo ensino aprendizagem estejam dispostos a reconhecê-las, aceitá-las e torná-las parte do seu dia a dia. Convém ressaltar que caso não haja aceitação por parte dos envolvidos, as mudanças podem ocorrer por um motivo externo à vida escolar, visto que nossa rotina está permeada de transformações, não tendo como rejeitá-las, como por exemplo, a inserção de recursos tecnológicos e as mídias sociais na atualidade. Portanto, é importante estarmos abertos para compreender e atuar com ações que melhorem o processo educacional e o aproximem da realidade.

A multiplicidade da linguagem é concebida de diversas formas como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como interação, por meio da literatura, música, teatro, artes visuais, entre outras. A linguagem é compreendida como a capacidade humana de comunicação e interação, tendo em vista não apenas a expressão de sentimentos, a manifestação de desejos e opiniões, a troca de informações entre diferentes culturas, mas também como uma forma de o sujeito agir, atuar sobre o outro e sobre o mundo.

É interessante destacar a possibilidade de acesso dos alunos ao legado cultural construído ao longo da história, através dos textos, e propiciar a leitura de forma crítica para ter sua opinião sobre o que foi lido ou visto, a fim de concordar ou discordar, gostar ou não gostar, se posicionar ou não, mas refletir sobre a humanização através da literatura e demais linguagens, e se transformar com as experiências que julgar significativas, constituindo-se sujeitos conscientes.

Para Candido (2017, p. 191), “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura, em todas as modalidades, em todos os níveis é um direito inalienável”. Esta explanação do autor é bem forte, pois coloca a literatura como um direito inalienável, ou seja, que não pode ser vendido ou cedido, é pertencente ao ser de maneira intransferível todo o conhecimento, o saber, as vivências e

as experiências das histórias, dos textos lidos. Generosamente, podemos partilhar, mas não transferir o todo apreendido.

E neste cenário, pensando no cumprimento deste direito inalienável de Candido (2017) na educação e para a vida, lembramos da história mundial. Na antiguidade, ler era restrito aos nobres e intelectuais. Com o tempo, a atividade tornou-se um agente de socialização e hoje assume um impacto individual, porém, alguns fatos históricos por questões políticas, por regimes governamentais, de alguns países, a educação não foi destinada para todos, conseqüentemente, o ato de ler também não. A leitura foi proibida em alguns países e em determinadas épocas, devido à sua reflexibilidade sobre as situações, a influência nas ações das pessoas, e em promover a igualdade social. Portanto, o direito inalienável à literatura nestes casos não foi garantido pelo poder atribuído à produção de leitura em diferentes campos do conhecimento.

Propõe o acesso a esse conhecimento, mas não especifica quem pode e em que condições sociais isso pode acontecer. Esse acesso, segundo o que penso, não é nem necessário, nem suficiente para transformação que não tenha direção dada pela classe dominante. Além disso, não é o acesso ao instrumento em si que muda as relações sociais, mas o modo de sua apropriação, no qual estão atestadas as marcas de quem se apropria dele. (ORLANDI, 1999, p. 36)

A leitura possibilita acessar os conhecimentos, informa, fala, brinca com as palavras, as imagens e seus sentidos. E o que seduz neste movimento é a possibilidade de rememorar o passado, projetar o futuro e ainda provocar os leitores para pensarem muito além do que foi escrito, o suficiente para transformar algo. Desta forma, nossa vida intelectual está intimamente relacionada aos modos e efeitos de leitura de cada época e de seu segmento social.

A escola deve estar atenta e conectada a esta era digital que nos circunda. No momento pandêmico que vivemos, a realidade tecnológica e as desigualdades em diversos âmbitos, ainda mais notórias em momentos de crise, estão cada vez mais evidenciadas. É interessante apropriar-se das múltiplas linguagens como objeto de discussão e aproximação para formação leitora, apesar dos desafios encontrados, como também para os processos constitutivos da integralidade dos indivíduos.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa, a metodologia acontece por meio das narrativas à luz de Josso (2010), que acredita que uma prática narrativa, qualquer que seja a forma, oferece uma

possibilidade de experiência, de autoconsciência, por meio de nosso alter ego e nossas responsabilidades. Em diálogo teórico metodológico com a Tematização de Fontoura (2011) se dá a análise de dados do corpus, oriundos de entrevistas com professoras de Língua Portuguesa de um colégio estadual do estado do Rio de Janeiro, na cidade de São Gonçalo, sobre os conhecimentos e as práticas docentes no cotidiano do trabalho com a leitura literária com turmas dos anos finais do Ensino Fundamental.

Coadunando com as narrativas, trabalharemos com o conceito de experiência defendido por Josso (2010), a partir do que foi observado, sentido, experimentado e vivido, transformando-se em sabedoria de vida e significativas experiências que podem enriquecer as práticas educacionais no cotidiano escolar. Segundo a autora, "para compreender a construção da experiência, devemos considerar três modalidades de elaboração: 'ter experiências'...'fazer experiências'...'pensar sobre as experiências'..." (JOSSO, 2010, p. 51). Desta forma, as narrativas serão construídas, centradas em vivências (ter), nas práticas (fazer) e nas reflexões (pensar) sobre estas.

Se esta reflexão é uma das formas de atenção consciente de si mesmo, é possível intervir na formação do sujeito de maneira mais criativa, conseguindo, assim, um melhor conhecimento dos seus recursos e objetivos. Como a narrativa congrega e entrelaça experiências muito diversas, é possível interrogarmos sobre as escolhas, as inércias e as dinâmicas. A perspectiva que favorece a construção de uma narrativa emerge do embate paradoxal entre o passado e o futuro em favor do questionamento presente. (JOSSO, 2010, p. 38)

A reflexão, que é o pensar sobre, é o primeiro ponto, pois, para a autora quando você reflete a partir do foi observado, sobre uma vivência, que é o ter, este movimento de refletir te toca, provoca sensações e reflexões. Esta vivência se transforma em experiência formadora, por meio do processo formativo vivenciado que constitui quem é a pessoa, e interfere, de maneira positiva a partir da análise realizada, na prática do indivíduo, que é o fazer. A narrativa é formativa no sentido de formação de si.

REFERENCIAL TEÓRICO

Estimular o hábito da leitura auxilia o desenvolvimento em vários âmbitos como cognitivo, emocional e sociocultural. Além disso, o texto literário abre as portas da imaginação e proporciona conhecimentos diferentes e singulares para cada indivíduo. A literatura e a formação literária são meios de transformação social.

Este interesse está ancorado na concepção de que intensificar o trabalho do ato de ler nos abre um leque de possibilidades.

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2017, p. 180).

De acordo com o autor, a literatura tem uma função humanizadora, isto é, a capacidade que ela tem de confirmar a humanidade do homem, de contribuir para sua formação integral por meio da reflexão, do saber, da relação com o outro, pela expressão das emoções e sensações, pelas questões intelectuais, sociais, culturais, éticas e estéticas. O artista apresenta na obra literária a sua visão perante seus anseios e exerce uma postura diante do mundo e das pretensões humanas. O alcance da escrita e do gesto ultrapassa para além do real, através da imaginação, fantasia, ficção.

A curiosidade pode ser despertada para a leitura, para busca de conhecimentos, para dar sentido ao que acontece nas histórias, por meio das vivências, dos textos e imagens. Toda modalidade de linguagem, de natureza verbal ou não verbal, pode ser contextualizada em sala de aula, na perspectiva que o aluno se aproprie da leitura, refletindo e aprendendo com a mesma.

O artista plástico Eduardo Kobra³, que tem suas obras espalhadas pelos cinco continentes, criou um novo mural inspirado em obras literárias, na literatura, como forma de incentivo à leitura em uma escola privada de Sorocaba, São Paulo. A questão imagética é muito atraente, pois são traços realistas e cores vibrantes, características do trabalho dele. De acordo com Candido (2017, p. 177), “toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção”.

A convivência com as múltiplas linguagens como música, pintura, fotografia, cinema, teatro e outras formas de utilização do som e da imagem se articulam e podem ser exploradas no ensino da leitura e no campo mais amplo da educação, quando temos

³ Carlos Eduardo Fernandes, conhecido com o nome artístico de Eduardo Kobra, nasceu no Jardim Martinica, na zona sul de São Paulo, no dia 1 de janeiro de 1976. É um artista plástico brasileiro. Grafiteiro e muralista. É autor de diversos murais em escala monumental espalhados por vários países. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/eduardo_kobra/#:~:text=Eduardo%20Kobra%20\(1976\)%20%C3%A9%20um,1%20de%20janeiro%20de%201976](https://www.ebiografia.com/eduardo_kobra/#:~:text=Eduardo%20Kobra%20(1976)%20%C3%A9%20um,1%20de%20janeiro%20de%201976).

como objetivo trabalhar a capacidade de compreensão do aluno. O professor pode propiciar a construção de leituras, de outro lado, estabelece, quando necessário, as relações intertextuais, resgatando a história de sentidos do texto.

Figura 1: Mural feito por Eduardo Kobra



Fonte: Drone Cyrillo, 2021

O artista, pela primeira vez, solicitou sugestões de internautas para desenvolver uma obra sua. Desta forma, ele trabalhou a leitura, predominantemente com imagens, em consonância com as mídias sociais, despertando através da interatividade, o incentivo à leitura, uma aproximação da arte com os livros, pois ambas são veículos de comunicação e conhecimento. Ainda, reforça a importância da leitura na educação, pois a arte está na parede de uma escola, na qual muitos que passam pelo local podem admirar ou se inspirar. Os clássicos brasileiros predominaram na pesquisa dos internautas, e conseqüentemente, nas prateleiras de livros do mural em tela.

A obra mostra um menino subindo as escadas de uma estante à procura de um livro, mas o que ele procura pode estar muito além das seis prateleiras de livros, repletas de títulos da literatura brasileira, retratadas em um painel com 14 metros, pois por meio da leitura, da imaginação, podemos transmutar entre galáxias, fazer viagens, conhecer outros seres, enfim, podemos mudar de dimensão, incorporar, figuradamente, personagens, ou se identificar ou entender melhor a realidade vivenciada.

Paulo Freire (2002, p.14) coloca que

Não se lê criticamente como se fazê-lo fosse a mesma coisa que comprar mercadoria por atacado. Ler vinte livros, trinta livros. A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. Ao ler não me acho no puro enalço da inteligência do texto como se fosse ela produção apenas de seu autor ou de sua autora. Esta forma viciada de ler não tem nada que ver, por isso mesmo, com o pensar certo e com o ensinar certo.

O autor menciona que ser leitor não está relacionado apenas à quantidade de livros lidos, e sim à qualidade da leitura que é feita, o compromisso na compreensão crítica e na contextualização do conteúdo apresentado, no qual o leitor como construtor de sentido, tem o direito de pensar aquilo que acha certo, independente da produção de sentido requerida pelo autor na obra, visto que quem lê tem suas opiniões sobre o assunto tratado. Portanto, há uma subjetividade com o pensar certo. A leitura articula memórias, saberes, culturas e aprendizagens, levando-nos a pensar que o leitor é quem traz a significação ao texto, enfocando-o, relacionado a diversos universos preexistentes, que expressam a transdisciplinaridade do conhecimento humano.

No mundo globalizado em que vivemos devemos inserir a compreensão de mensagens virtuais, a utilização de diferentes mídias para nos comunicar com os outros, acessar informações, nos entreter, e outros objetivos mais.

Para ilustrar a dualidade, recursos tecnológicos e leitura, mencionamos parte da série da Netflix, *Lupin*⁴, em 2021, oriunda da coletânea de nove histórias do escritor francês Maurice Leblanc, *Arsène Lupin, Ladrão de Casaca*, na qual o protagonista sempre recorre ao livro, que tem várias marcações e marcadores de páginas. *Arsène Lupin* é um ladrão gentil que quer se vingar de uma família rica, por uma injustiça cometida contra o pai dele. Todas as suas ações são reproduzidas dos livros, utilizando vários disfarces como o personagem, para realizá-las. Além do fato da pessoa incorporar o papel de *Arsène Lupin*, na série, ele tem um filho adolescente, da mesma faixa dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, que só fica no celular jogando, e a mãe chama a atenção por isso, mas ao receber do pai o livro de *Arsène Lupin*, entrega-se à leitura do mesmo, deixando o recurso tecnológico de lado, para surpresa da mãe. O interesse pela história do livro, mediada pelo incentivo do pai, faz com que a leitura tenha seu espaço em meio às tecnologias. E é sobre o interesse pela leitura, do envolvimento mais próximo, por parte de algumas famílias, com o universo literário, em detrimento da atratividade dos recursos tecnológicos, uma das pontuações das professoras colaboradoras da pesquisa.

⁴ Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80994082>

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trabalhamos com quatro professoras colaboradoras de um colégio público estadual da cidade de São Gonçalo/RJ, e para coleta de dados utilizamos entrevista coletiva e narrativas individuais. No presente artigo traremos um recorte da entrevista coletiva para exemplificar o processo de análise das narrativas.

Durante a entrevista coletiva, as professoras narraram sobre o desafio em despertar o interesse pela leitura em meio ao universo tecnológico tão difundido na população atual. E por meio da metodologia da tematização de Fontoura (2011) tratamos da análise de dados das narrativas deste encontro sobre esta parte a seguir.

Quadro 1 – Análise da entrevista coletiva

Trecho selecionado para evidenciar (UNIDADE DE CONTEXTO)	Essência do trecho (UNIDADE DE SIGNIFICADO)	COMENTÁRIOS
<i>As nossas crianças são outras. A tecnologia, hoje, ela está inserida na vida dela, de uma forma que não estava inserida na nossa época, né. O livro muitas vezes era a nossa distração. Nossa distração era ler. A gente gostava de ler porque era uma das formas que a gente tinha para se divertir, por assim dizer, né. Mas, no caso hoje, é muito difícil você competir com os videogames, com os jogos eletrônicos, com jogos on line. Essas coisas são extremamente atrativas para os alunos hoje. (Narrativa de Louise⁵)</i>	LEITURA, RECURSOS TECNOLÓGICOS e PRÁTICA DOCENTE	As transformações que acontecem com as pessoas no decorrer do tempo propiciam a inserção das coisas que acontecem na atualidade. E os recursos tecnológicos fazem parte de nossa rotina, sendo importante a inserção no processo educacional, na prática docente. Portanto, é uma ferramenta que pode coadunar com as atividades de leitura. Mas, o professor precisa de uma infraestrutura que favoreça o desenvolvimento das propostas. Logo, é um caminho a ser trilhado para o encontro da leitura e tecnologia no fazer pedagógico.
A docente aborda as evoluções das gerações e as mudanças de hábitos e interesses, pontuando que os livros faziam parte do entretenimento, da mesma forma que os jogos fazem parte do universo dos discentes na atualidade, pela sua atratividade e possibilidade de interatividade. A presença destas mídias é vista como um instrumento de competição e um fator que dificulta a formação leitora. Mas podemos pensar em estratégias de leitura utilizando estes recursos tecnológicos.		

Fonte: Dados da pesquisa da autora

⁵ Os primeiros nomes das professoras foram mantidos reais e os sobrenomes suprimidos para preservar a identidade das colaboradoras.

O tempo não para. O ontem não é como o hoje, que não será como o amanhã, pois o mundo está sempre mudando, e com isso as inovações surgem. Estes recursos tecnológicos podem corroborar para o ensinar e aprender e contribuir para o processo formativo nos campos social, político, educacional, cultural e artístico.

A informação que vinha sendo produzida e difundida ao longo da história da humanidade por suportes atômicos (madeira, pedra, papiro, papel, corpo), atualmente circula pelos bits. As tecnologias da informática, associadas às telecomunicações, vêm provocando mudanças radicais na sociedade por conta do processo de digitalização. Assim, uma nova revolução emerge, a revolução digital. (SANTOS, 2009, p. 5660)

Estas mudanças na sociedade fazem parte do meio educacional. Durante a pandemia com a educação online, nos encontros remotos vivenciamos as exclusões digitais que evidenciam as exclusões sociais. A autora fala sobre a revolução digital, que aproxima de forma veloz, mesmo à distância, nossas comunicações, informações, e o conhecimento intercultural pela relação entre pessoas de diferentes contextos em seu viver cotidiano.

Mas ainda encontramos dificuldade na acessibilidade digital, o que evidencia desigualdades, e a necessidade de a escola inserir equipamentos e recursos tecnológicos que minimizem as diferenças existentes, assim como oportunizar de forma pedagógica as ferramentas digitais disponíveis, pois, “digitalizada, a informação se reproduz, circula, se modifica e se atualiza em diferentes interfaces. É possível digitalizar sons, imagens, gráficos, textos, enfim uma infinidade de informações” (SANTOS, 2009, p. 5661). E esta circulação de informações nas mídias digitais presentes na vida das pessoas é tratada na narrativa abaixo.

É tudo muito mais atrativo. Tudo que tá fora. Muito melhor você ler um texto lacrador de Facebook do que lê um clássico, do que lê alguma coisa que realmente seja necessária, né. Os nossos alunos estão muito cheios de informação. A maior parte dessa informação que não interessa, que não é importante, e ter que concorrer com isso, realmente é muito difícil. (Narrativa de Ana Paula)

As informações podem não ser interessantes, pertinentes para a aula, mas para as relações sociais têm sua relevância. Acreditamos que este seja um desafio mais recente, e também que um dos benefícios, um olhar diferenciado e inclusivo para os recursos tecnológicos em nossas práticas educacionais. Portanto, é interessante acompanhar as pesquisas acerca desta temática, mas é preciso ter esta predisposição de inserir estas ferramentas no fazer pedagógico tanto por parte dos estudantes quanto dos professores. É interessante inserir atividades literárias considerando que essa perspectiva pode

descortinar um mundo cheio de possibilidades de leitura em nossas práticas docentes cotidianas.

As gerações têm interesses diferentes, porém é válido resgatar hábitos, atitudes, brincadeiras, nossas culturas, para mostrar e disponibilizar opções de escolhas ou aglutinações de vivências. Desta forma, possibilitamos a inclusão dos discentes nos saberes adquiridos pela humanidade, descobertas, belezas e memórias, propiciando acesso ao legado cultural construído ao longo da história. E o acompanhamento das famílias neste universo midiático tem relevância para o processo formativo, pois é importante saber e orientar as programações visualizadas por seus filhos, as leituras, as atividades escolares e não escolares.

Nesta relação do ser consigo, com o outro e com o meio é que acontecem os processos formativos, portanto é importante acompanhar os componentes que fazem parte deste percurso na educação dentro e fora da escola. E as tecnologias, em evidência tão grande nos dias atuais, pelas diversas possibilidades que nos oferecem, podem influenciar nesta formação.

É sabido que há uma infraestrutura precária em algumas escolas em relação a alguns espaços que podem enriquecer o trabalho educacional como biblioteca e laboratórios. Também ficou claro na pesquisa que as professoras estão na busca incessante por caminhos que despertem o interesse pela leitura, aliando-a às múltiplas linguagens e aos recursos tecnológicos em algumas propostas para a formação de leitores, assim contribuindo para o processo de construção do indivíduo em sua integralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este elemento tão poderoso, a literatura e as outras linguagens, em sua função humanizadora, junto ao tempo disponível para trabalhar a leitura na escola, pode ser transformador, pode ser gratificante pela colaboração no percurso formativo do indivíduo, pode ser uma ação prazerosa e significativa para a vida que transmitirá para outros, tanto para quem ensina quanto para quem aprende.

O fazer pedagógico alcança todo este poder da palavra e da arte, mas é preciso que esta seja compreendida, ouvida, por si próprio ou compartilhada com o outro. Oportunizar a escuta, o diálogo é um aprendizado mútuo, tanto para quem fala quanto para quem ouve ou acessa a mensagem. Esta prática da dialogicidade, com devidos

cuidados e análises, é importante para a informação, reflexão, aprendizado, formação dos sujeitos e para as relações estabelecidas de forma presencial ou virtual.

As contribuições significativas do processo formativo, as aprendizagens experienciais que envolvem nosso ser de ação, de atenção consciente, de cognição, de afetividade, de imaginação, de sensibilidades, de emoções, desenvolvem uma vivência pedagógica de pensar, refletir, aprender e avaliar, a fim de aprimorar as propostas educacionais e para a vida, por meio de práticas educacionais significativas.

O bom senso para a avaliação e auto avaliação dessas práticas educacionais perpassam pela clareza e objetividade do que vamos ensinar, a quem, quais objetivos pretendemos alcançar, para planejar os conteúdos e organizar as estratégias. Esta liberdade e autoridade nesta produção de conhecimento literário, foco da investigação em curso, quando compartilhada com interesses dos estudantes e com o que julgamos relevante trabalhar com aquela turma, torna-se mais interessante e significativa. Esperamos assim contribuir para o arrefecimento dos processos de desigualdades sociais na construção de uma educação mais justa e fraterna.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. Vários escritos. O direito à literatura. 6ª edição. Rio de Janeiro, Duas Vozes/**Ouro sobre azul**, 2017.

FONTOURA, Helena Amaral da. Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa. In FONTOURA, H. A. (Org.) Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa. Niterói: **Intertexto**, 2011, p. 61-82.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Ed. **Paz e Terra**, São Paulo, 25ª edição, 2002.

JOSSO, Marie Christine. A experiência de vida e formação. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN, EDUFRN, São Paulo: **Paulus**, 2010.

ORLANDI. Eni Pulcinelli. Discurso e leitura. 4 ed. São Paulo, **Cortez**, 1999.

SANTOS, Edméa. **Educação online para além da EAD**: um fenômeno da cibercultura. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009 ISBN- 978-972-8746-71-1. Disponível em: <<http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/xcongreso/pdfs/t12/t12c427.pdf>> Acesso em: 26 de jun. 2020.